

7 Conclusão

Conforme citação de Lévy (1999), a escrita sempre foi a mesma, o homem é que faz adaptações que melhor o auxiliem ao contexto em que vive. Portanto, não há motivos para desespero por parte de alguns educadores e gramáticos. A língua portuguesa está apenas sofrendo algumas modificações, como já vem acontecendo há séculos.

A palavra *você*, hoje dicionarizada, um dia, já foi *Vossa mercê*, e o processo que fez com que esta se tornasse aquela foi o da abreviação. Porém, modificações como essa não fazem com que a língua portuguesa perca sua riqueza. As línguas não melhoram nem pioram ao mudar. Apenas se modificam. (Crystal, 2005, p. 139)¹⁸

Os educadores não podem rejeitar a linguagem dos computadores como se ela fosse algo que infringisse as regras da língua portuguesa, pois só conseguimos nos expressar dessa forma porque ela nos permite. Devemos adotar posturas orientadoras, não repressoras, pois, como alerta David Crystal, do qual tanto me servi durante esta dissertação:

“Os adolescentes são os pais da próxima geração de crianças, e se a língua[gem] é para ser transmitida, são eles que devem ser persuadidos de que há uma razão para isso. Mas cada vez que ‘sua’ língua[gem] é rejeitada pelos mais velhos da comunidade porque é ‘incorreta’, a vitalidade é reduzida.” (Crystal, p. 111)

É comum que jovens, acostumados a veículos que lhes permitem uma escrita mais rápida e prática, entediem-se com a forma manuscrita, que os impossibilita de utilizar vários recursos, como imagens, por exemplo.

O contexto acaba condicionando a escrita, como sempre se soube. E isso não muda quando tratamos da linguagem da Internet. Vimos que, desde o século passado, utilizavam-se todos os tipos de recursos que tornassem a linguagem mais econômica, porém, sem deixar de lado a eficácia comunicativa. Só eram e só são

¹⁸ Existem trabalhos sobre as novas técnicas de abreviação surgidas com as novas tecnologias desenvolvidos em outras línguas. Klara Krautgartner, em “Techniques d’abréviation dans les webchats francophones”, faz uma análise bastante detalhada das abreviaturas na língua francesa. O artigo encontra-se disponível no *site*: http://www.linguistik-online.de/15_03/krautgartner.html.

usadas abreviaturas, por exemplo, quando o contexto permite seu entendimento, como pudemos comprovar nas pesquisas aqui mostradas.

Abreviaturas utilizadas no computador aparecem e tendem a aparecer cada vez mais em trabalhos escolares e em cópias de conteúdos em sala de aula. O que temos de fazer, como educadores, não é impedir que essas formas apareçam, mas mostrar a nossos alunos que elas não são convenientes em determinados contextos.

“Vigilância eterna” era a palavra de ordem de uma era lingüística purista e de espírito prescritivo, que já vinha perdendo força nos últimos anos do século XX. A divisa lingüística do novo século deve ser “tolerância eterna”. (Crystal, p. 138)

Outro ponto que pudemos deixar claro em nossa pesquisa é que a linguagem da Internet não se resume a abreviaturas, como muitos pensam, e que elas não são criadas a esmo, simplesmente para camuflar deficiências na formação lingüística de seus usuários. Padrões são seguidos. Alguns mais outros menos utilizados, mas a babel tresloucada em que cada um cria a sua forma de escrita é apenas preconceito de desavisados.

Em um período em que, para comunicar-se com outra pessoa do outro lado do mundo são necessários apenas alguns cliques, não é possível que haja exigências arbitrárias e autoritárias de professores. Os jovens de hoje, acostumados a exporem suas opiniões por meio da Internet, não são tão facilmente convencidos, passivamente, sem uma maior explicação sobre o porquê de cada exigência.

Devemos ter a consciência de que esses jovens estão sempre à procura de uma linguagem que os diferencie dos demais, um código próprio. Com a Internet, esta linguagem tem como base a língua escrita, fato que causa maior preocupação entre alguns professores de língua portuguesa. Essa postura ativa do público discente atual deve ser explorada para o enriquecimento de seu vocabulário e para que esse público obtenha uma maior habilidade ao se expressar, utilizando a escrita não apenas para conversações entre amigos e em situações informais, mas também em contextos que exijam uma expressão formal de suas idéias e pensamentos, que, certamente, estão cada vez mais alargados e criativos com o advento da tecnologia, quando esta é encarada como aliada e não como inimiga.

O recurso da abreviação sempre existiu, só que, atualmente, devido ao grande alcance da Internet, toma proporções maiores do que antes, porém, sem o enfoque correto. Tiremos a atenção do código e passemos ao contexto e ao canal, pois nos trará muito mais frutos adequar do que proibir estratégias que só existem por tornarem mais simples e prática a atividade que acompanha o homem desde seu surgimento: a comunicação através da linguagem. “Pois, a língua[gem] da próxima geração nunca é a mesma da de seus predecessores.” (Crystal, p.111)

Em virtude de se tratar de uma dissertação de Mestrado, este trabalho não pretende esgotar o tema. Diversos estudos podem ser desenvolvidos a partir dos resultados aqui expostos, como, por exemplo, a criação de programas que auxiliem na escrita, analisando não apenas regras sintáticas e ortográficas simples, como fazem os corretores ortográficos atuais, mas toda a estrutura do discurso: intenções, padrões textuais etc. Claro que, para isso, faz-se necessária uma coleta de um corpus muito maior do que o que utilizamos, pois há outros gêneros textuais surgidos na pós-modernidade que não foram objetos desta pesquisa.

Trabalhos voltados para a conscientização de docentes, pais e alunos acerca da necessidade do letramento digital também são de grande proveito para a sociedade, como foi alertado no decorrer desta dissertação. As mídias devem apoiar-se em estudos mais aprofundados para divulgarem o assunto, diferentemente do que vem ocorrendo. A própria Internet, como um dos meios de comunicação de maior alcance entre as pessoas, deve assumir o papel de veículo destruidor. Não da estrutura da língua, como muitos pensam que ela seja, mas dos preconceitos que há a respeito da utilização de sua forma escrita nessa gigantesca rede de relações humanas.